

**“De tudo, à polenta ficarei atento”:** notas sobre a obra do escritor cocanhês Joanim Pepperoni, PhD\*

**“Most of all, to polenta I will be aware”:** notes on the work of the cockayne writer Joanim Pepperoni, PhD

*João Claudio Arendt\*\**  
*joaoarendt@gmail.com*  
*Universidade Federal do Mato Grosso do Sul*

---

**RESUMO:** O presente artigo objetiva sistematizar e discutir a técnica de escrita e os principais temas presentes na produção literária de Joanim Pepperoni, PhD, pseudônimo de um escritor que reside na Serra Gaúcha. A abordagem foca, inicialmente, na recriação, pelo escritor, do mito medieval da Terra da Cocanha e sua atualização ao contexto cultural da região de imigração italiana no Rio Grande do Sul; em seguida, trata-se da paródia como técnica de escrita preferida pelo autor para criticar comportamentos e instituições locais e nacionais; e, por fim, aborda o olhar detrator do bardo cocanhês sobre o sistema literário em que está situado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Joanim Pepperoni. Terra da Cocanha. Serra Gaúcha. Paródia.

**ABSTRACT:** This paper aims to systematize and discuss the writing technique and the main themes present in the literary production of Joanim Pepperoni, PhD, pseudonym of a writer who resides in Serra Gaúcha. The approach initially focuses on the writer's medieval myth recreation about The Land of Cockayne and its updating to the cultural context of the Italian immigration region in Rio Grande do Sul; then, the paper approaches parody as the preferred writing technique by the author to criticize local and national behaviors and institutions; and, finally, it deals with the detrimental look at the cockayne bard on the literary system in which it is situated.

**KEYWORDS:** Joanim Pepperoni. The Land of Cockayne. Serra Gaúcha. Parody.

## Introdução

Joanim Pepperoni é o pseudônimo utilizado por um escritor da Serra Gaúcha para assinar os seus livros e se dirigir anonimamente ao público leitor. Além de poeta, dramaturgo e prosador, ele se apresenta como um pesquisador com PhD em disciplinas estranhas, como Etnomilhografia, Carunchologia, Arqueologia de

---

\* O presente artigo foi realizado com o apoio da UFMS e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 e Edital Universal.

\*\* Doutor em Letras de PUCRS (2001) com Estágio Pós-doutoral pela Universidade Livre de Berlim. Pesquisador Visitante no PPGLetras da UFMS. Coordenador do GT História da Literatura da ANPOLL.

Sabugos, Cosmogenia de Milharais, Cronologia de Moinhos, Estratigrafia de Tulhas, Sedimentologia de Polenta, Densitometria de Farinha, Ph de Pipas, Água para Vinhos, Nanotecnologia, Genética de Perdizes, Mescolosinestesia, História Geral do Polentariado, Sabugologia, Topografia de Parreiras, Pátina de Matusalém, Paneleços de Varanda e Bovid-17.

O autor afirma já ter recebido muitos prêmios, como o Mortita Cártter, o Polentzer, o Nane que Faz, o Ignóbel, o Cágado, o Açude, o The Man Bocó Prize, o National Bocó Award, o Francesco Kafta e o Méscola de Ouro. Além disso, seria campeão de arremesso de polenta e teria chegado às semifinais das “Olimpiadas” Coloniais de Polentawood D.C. Também seria campeão interplanetário de corrida de saco e prova da Cuccagna.

Como escritor, Pepperoni já publicou onze livros, todos pela fictícia Editora Prensa de Torresmos Cantina do Frei: *A fantástica máquina de ensacar berros* (poesia, 2013); *Viagem à roda do Rio Tegão* – seguida de “A lenda da polenta” (2014); *Dom Chiqote* (poema satírico, 2015); *A revolta do moinho* – comédia em 5 atos violentos (2016)<sup>1</sup>, *Nane Cainha & Nane Hábil* (poesia épica, 2020); *Tragédia no palco* (comédia, 2020); *Chapeuzinho de Palha* (conto infantil, 2020); *Nane Tamanca & os quarenta empreendedores* (novela, 2020); *Rapa da panela* (poesia, 2020); e *Joanim e a lamparina de querosene* (novela, 2020).<sup>2</sup> A produção literária conjunta do autor surgiu em 2020, sob o título *Obra reunida* (2013-2023).<sup>3</sup> Muito ativo, ele também alimenta dois blogues,<sup>4</sup> uma conta no Facebook<sup>5</sup> e outra no Twitter<sup>6</sup> com publicações diversificadas, como poemas, chistes, pensamentos (pensamemes), fotomontagens, comentários literários cheios de escárnio e minibiografias difamatórias.

Ainda desconhecido do grande público, Pepperoni já figura em algumas reportagens de jornais de Caxias do Sul e em três trabalhos acadêmicos recentes: em

---

<sup>1</sup> Esta obra foi encenada em 2019 pelo grupo de teatro caxiense Coletivo Enredo, dirigido por Cristian Beltrán, e foi sucesso de público, com turnê por algumas cidades da região da Serra.

<sup>2</sup> Todas as obras do autor podem ser lidas em: <https://independent.academia.edu/JoanimPepperoni> Acesso em: 21 ago. 2020.

<sup>3</sup> Um dado curioso em relação ao autor é o fato de ele ter impresso e distribuído gratuitamente os seus quatro primeiros livros, muitos deles numerados a mão. Os seis livros seguintes foram disponibilizados, também gratuitamente, em formato PDF, no site academia.edu. Já a *Obra reunida* inaugura o processo de venda da sua produção.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://aterradacocanha.blogspot.com/> e em: <https://infantesinfantesdacríticaliteraria.blogspot.com/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100011227802168>. Acesso em: 21 ago. 2020. Por alguma razão, Joanim Pepperoni mantém esta página com um nome diferente: Gianni Aparecido Pepperoni.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://twitter.com/JoanimPepperoni>. Acesso em: 21 ago. 2020.

um livro sobre a polêmica em torno da estátua de Nossa Senhora do Caravaggio, em Farroupilha;<sup>7</sup> em uma dissertação de Mestrado sobre o riso no jornal caxiense *A encrenca*;<sup>8</sup> e em uma entrevista exclusiva com o autor.<sup>9</sup> Nesse último, os professores Vitor Cei e André Pelinser (2017) situam Pepperoni em uma linha temática e temporal da literatura brasileira que começa com Juó Bananére (1892-1933), passa por Frei Aquiles Bernardi (1891-1973) e chega até o cartunista Carlos Henrique Iotti.

Juó Bananére, como se sabe, era o pseudônimo utilizado pelo poeta e engenheiro paulista Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, para assinar diferentes textos em jornais. Os seus poemas foram reunidos em 1912, na obra intitulada *La divina incrensa*. Com uma linguagem peculiar, chamada português macarrônico, e tendo como matéria a “vida social de bairros como Brás, Barra Funda e Bexiga”, Bananére satirizou “a sociedade sua contemporânea por meio da paródia de autores como Luís de Camões, Gonçalves Dias, Olavo Bilac e mesmo Dante Alighieri” (CEI; PELINSER, 2017, p. 113).

Na opinião de Cristina Fonseca, Juó foi um escritor com grande apelo popular na sua época, mas hoje se encontra relegado a um segundo plano, à margem do *establishment* literário: “Toda a sua obra é uma armadilha, na medida em que, mesmo ao olhar mais livre de preconceitos, Bananére desperta a imediata e falsa impressão de que não criou nada. Isso porque em sua obra nada se cria, tudo se parodia” (FONSECA, 2001, p. 23).

Por sua vez, frei Aquiles Bernardi narrou episódios cômicos da vida da personagem Nanetto Pipetta, as quais foram recolhidas em 1937 no volume intitulado *Vita e Stòria de Nanetto Pipetta* – nassuo in Itália e vegnuo in Mérica par catare la cucagna. Conforme Vitor Cei e André Pelinser (2017, p.113), “suas narrativas, em dialeto *talian*, satirizam a vida dos primeiros italianos alocados na Serra Gaúcha, atentando sobretudo para a contradição entre as aspirações de bonança nutridas pelos imigrantes, que sonhavam com uma terra de fartura na América, e a realidade de fato encontrada no Brasil durante o processo de colonização.” A obra de Aquiles Bernardi, na opinião de Tânia Perotti, direciona o foco para um filho de imigrantes

---

<sup>7</sup> DA ROLT, Clóvis. *O martírio da santa feia: uma leitura sobre a rejeição ao monumento de Nossa Senhora de Caravaggio*, em Farroupilha-RS. Curitiba: CRV, 2019.

<sup>8</sup> FERRETI, Liliana Cainelli Cambuzzi. “Castigat Ridendo Mores”: o humor costumbrista nas páginas do periódico *A Encrenca* (1914-1915), de Caxias do Sul. 2019, Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura), Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul.

<sup>9</sup> CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro. A desautomatização da linguagem da Cocanha: entrevista satírica com Joanim Pepperoni, PhD. *Revista Di@logus*. 2017, Cruz Alta, v. 6, n. 2, p. 112-121.

italianos que vem ao Brasil para *far la Mérica*: “Construída por Aquiles Bernardi em uma narrativa episódica, tem características que, frequentemente, resultam no cômico, face às situações em que o protagonista da narrativa – de nome Nanetto Pipetta – se envolve”. (PEROTTI, 2007, p. 21).

Já o cartunista Carlos Henrique Iotti, entre outros projetos, ficou conhecido como o criador da família Radicci, composta pelo pai (Radicci), pela mãe Genoveva, pelo filho Guilhermino e pelo Nono (avô). Igualmente satirizando os costumes do imigrante italiano da região da Serra Gaúcha, seus personagens aparecem em forma de quadrinhos em jornais do Rio Grande do Sul ou em forma de HQs, sob o título de *Gibizon*. De acordo com Roberto Rossi Menegotto (2017, p.13),

graças à grande difusão de Radicci no Rio Grande do Sul, o personagem homônimo foi, informalmente, alçado a uma espécie de porta-voz bem humorado dos descendentes de colonos italianos. Os textos são atualmente reproduzidos em dois jornais – *Pioneiro* e *Zero Hora* –, além de Iotti interpretar o personagem em programas de rádio e TV, e em apresentações teatrais.

Juó Bananére, Frei Aquiles Bernardi e Carlos Henrique Iotti podem ser considerados, portanto, antecessores de Joanim Pepperoni na representação cômica da imigração italiana no Brasil. No entanto, como será mostrado a seguir, o autor parece mergulhar bem mais fundo do que esses autores na cultura italiana da Serra Gaúcha, satirizando os principais elementos simbólicos que estruturam o imaginário e dão sentido às práticas locais.

## 1 A lendária Terra da Cocanha

Em sua obra, Joanim Pepperoni raramente faz menções diretas aos municípios que compõem a região de imigração italiana no Rio Grande do Sul. O autor refere-se a ela como Terra da Cocanha, ou seja, o lendário País da Maravilhas que figura no imaginário europeu desde a Idade Média e que foi mobilizado por agenciadores no final do século do XIX, para vender passagens de navio a italianos que quisessem emigrar para a América em busca de uma nova vida, sem patrões, sem impostos, sem

miséria e sem pelagra.<sup>10</sup> Esse lugar imaginário é descrito da seguinte forma por Cleodes Ribeiro (2000, p. 7):

A topografia do Paese di Cuccagna é dominada por uma montanha, na verdade um vulcão, que expele, continuamente, moedas de ouro. Quando chove, nesse país, chovem pérolas e diamantes, mas podem chover também raviólis. Em direção ao porto, denominado de Porto dos Ociosos, navegam embarcações carregadas de especiarias, mortadelas, toda sorte de embutidos e presuntos. Rios de vinho grego são atravessados por pontes de fatias de melão, e lagos de molhos soberbos estão coalhados de polpette e fegetelli. Fornadas de pão de farinha de trigo abastecem os habitantes do lugar. Aves assadas despencam do céu, direto sobre a mesa, enquanto as árvores cobrem-se de frutos nos doze meses do ano. As vacas parem um vitelo ao mês e os arreios dos cavalos são de ouro, mas as rédeas são linguças. [...] A topografia se completa com uma colina na qual está a prisão destinada aos infratores da única lei que vigora no país: não trabalhar e gozar a vida.

Em suas obras, Pepperoni apropria-se desse lugar imaginário e o reorganiza política e administrativamente: Polentawood (supostamente Caxias do Sul) é a capital; em torno dela, gravitam outras cidades, como Farofilha (Farroupilha), Novo Milhano (Nova Milano), Granibaldi (Garibaldi), Bentopolentópolis (Bento Gonçalves), Monte Polenta do Sul (Monte Belo do Sul), Novo Prato (Nova Prata), Vechianópolis (Veranópolis) e San Marcaminhoni (São Marcos). Como se pode observar, os trocadilhos que o autor utiliza para a nomeação das localidades fazem referência, geralmente, ao universo da gastronomia ítalo-brasileira, em especial ao campo semântico da polenta. No entanto, Vechianópolis faz referência a Veranópolis, conhecida como Terra da Longevidade,<sup>11</sup> e San Marcaminhoni, a São Marcos, que ostenta o título de Capital Gaúcha do Caminhoneiros.<sup>12</sup>

No poema “Notas sobre a geografia”, publicado no seu primeiro livro, intitulado *A fantástica máquina de ensacar berros* (2013),<sup>13</sup> Pepperoni oferece uma visão da

---

<sup>10</sup> Segundo o dicionário Houaiss (2001, p. 2171), a pelagra é uma “doença caracterizada por dermatite, distúrbios gastrintestinais e psíquicos, associada à carência orgânica de ácido nicotínico”. Trata-se de uma enfermidade resultante da falta de vitamina B3 no organismo e, entre imigrantes italianos, provocada pelas restrições alimentares. Em sua obra, Pepperoni associa a pelagra à ingestão excessiva de polenta, resultando no que ele chama de Polenta 4D e cujos sintomas seriam diarreia, dermatite, demência e depressão.

<sup>11</sup> Ver: <http://www.veranopolis.rs.gov.br/cidade/11/terra-da-longevidade> Acesso em: 05 nov. 2020.

<sup>12</sup> Ver: <https://www.saomarcos.rs.gov.br/municipio/dados-gerais> Acesso em: 05 nov. 2020.

<sup>13</sup> Mesmo que se indiquem os anos de surgimento das obras de Pepperoni no corpo do texto, nas citações diretas será usada a “segunda edição” impressa em 2020.

Terra da Cocanha que se aproxima da versão medieval descrita por Ribeiro (1998), mas que é atualizada do ponto de vista das referências culturais locais:

Se esta Terra da Cocanha  
eu de esquelha contemplo,  
assemelha u'a montanha  
ou de farinha um templo.

Em canteiros vejo raviólis,  
molho de tomates no Tega<sup>14</sup>  
e aquilatando toda a Pólis  
vejo a polenta que sobeja.

Nos quintais e nos jardins,  
nas hortas nenhum jasmim;  
e até no altar das igrejas  
vejo as videiras que vicejam (PEPPERONI, 2020, p. 20).

Como se vê, a fartura alimentar é semelhante à da versão tradicional anteriormente transcrita, mas topograficamente a nova Terra da Cocanha assume a forma de uma montanha ou de um templo de farinha. Já em relação aos alimentos, são introduzidos o ravioli, a uva e a polenta, ausentes na versão apresentada por Cleodes Ribeiro (2000).

A gastronomia, aliás, é largamente explorada pelo autor em suas narrativas e poemas. Tanto é, que no livro *Viagem à roda do Rio Tegão* (2014) aparece “A lenda da polenta”, que trata do surgimento desse alimento na Terra do Cocanha, após um dilúvio que teria durado quarenta dias e quarenta noites:

Famintos e esfarrapados, mas vivos e exultantes com a superação da provação divina, entraram nas ruínas do velho moinho. Em uma tulha arruinada, restava um pouco de farinha encharcada pelas águas diluvianas. Quando levou, tremulamente, a primeira porção à boca, Nane teve uma agradável surpresa: o guisado de farinha tinha um gosto diferente, mais picante e agradável ao paladar. Era a água do mar que, providencialmente, misturara-se às águas pluviais, invadira a tulha e operara o milagre.

Depois disso, o Nane inventou o *fogolare*,<sup>15</sup> os caldeirões e as colheres de pau. Surgia, assim, a tão abençoada polenta da Terra da Cocanha (*guisadus farinaceus cocanhensis*) (PEPPERONI, 2020, p. 104).

<sup>14</sup> Tega é o nome de um dos arroios da cidade de Caxias do Sul. Em alguns textos, ele também é chamado de Rio Tegão.

<sup>15</sup> Fogolar, ou fogolare, é um tipo de fogão rústico coberto com uma chapa de aço.

Se a comida presente no imaginário da Cocanha medieval é farta e está disponível gratuitamente a todos, no mundo criado por Pepperoni, ela vem acompanhada de uma noção comercial que, na sua visão, parece fundamentar as relações sociais da nova Terra da Cocanha:

Mas apoderando-se do milagre divino, o Nane Tamanca patenteou-o da mesma forma que todas as suas outras invenções. Logo depois, inventou o turismo e os restaurantes, e agora vende fatias de polenta aos visitantes como se fossem valiosas barras de ouro do melhor quilate (PEPPERONI, 2014, p.36-37).

Trata-se de uma perspectiva menos idealizada e mais próxima da realidade, na qual o alimento está à disposição não de quem o puder pegar, mas de quem puder pagar por ele. Ainda assim, a polenta sobeja na Terra da Cocanha, sempre acompanhada de molho de alguma ave silvestre e salada de *pissacán* (um tipo de almeirão silvestre).

No poema “As festas oficiais I”, o autor faz referência especial ao Polentaço, um evento que acontece anualmente no município serrano de Monte Belo do Sul. Após mencionar “o valor atribuído à polenta / na exótica dieta alimentar / que só a tradição sustenta”, o poeta afirma que esse alimento “integra os ritos / e até os meios de transporte / Faz parte da vida íntima / e das disputas nos esportes” (PEPPERONI, 2020, p. 59). Em seguida, ele refere-se à festa em si, que, originalmente, objetiva “celebrar a polenta” e tem diversas atrações, como “a única exposição de esculturas de polenta do mundo”. Os organizadores também preparam, a cada edição, uma polenta de centenas de quilos e realizam o chamado “o tombo da polenta gigante”,<sup>16</sup> a qual é distribuída entre os participantes. Pepperoni refere-se a essas atrações da seguinte forma:

com Lei de Fomento à Cultura  
as esculturas de polenta  
lembram a Torre de Babel  
das sagradas escrituras:

os artistas mais famosos  
com argamassa de farinha  
densa, mole, bem ralinho  
inventam estilos novos:

<sup>16</sup> Ver <https://portal.montebelodosul.rs.gov.br/9o-polentaco-e-7a-festa-do-agricultor-e-sucesso-em-monte-belo-do-sul/>. Acesso em: 23 ago. 2020.

aos cocanheses comuns  
outros bons divertimentos  
programam as autoridades  
pra ninguém ficar ao vento:

coisas únicas neste mundo  
são o arremesso de polenta  
os banhos na polenta mole  
e as hóstias de polenta benta:

são variadas as atrações  
e a melhor delas é de matar:  
ver quem come mais polenta  
por mais tempo, sem parar. (PEPPERONI, 2020, p.60)

No excerto transcrito, a crítica do poeta direciona-se ao fato de a confecção das tais esculturas de polenta ser patrocinada com verba pública, por meio de Lei de Incentivo à Cultura (LIC). Isso parece, na sua visão, uma distorção de finalidades dos recursos, tendo em vista que os tais “artistas famosos”, mesmo se esforçando para produzir novos estilos, seriam, na verdade, completamente desconhecidos dentro amplo circuito das artes visuais. Além disso, o produto final (as esculturas que lembrariam a desordem e o caos da bíblica Torre de Babel) seria de péssima qualidade e, pelo material utilizado na sua confecção, teria que ser descartado após o evento.

O segundo aspecto da crítica recai sobre outros elementos da programação. Embora durante o Polentaço aconteçam os jogos rurais – que incluem “corrida de tamancos, corrida com ovo na colher, corrida de saco, arremesso de queijo (por distância), boliche de queijo e salame (salame como pinos e queijo como bola), polenta ao cesto (versão de basquete), maior comedor de polenta (em quilo ou gramas)” (PERTILE; FILIPPON; KUNZ, 2013, p.648) –, o autor transforma o arremesso de queijo em arremesso de polenta e insere no cenário da festa a inexistente hóstia de polenta e o inusitado banho na polenta mole.

## **2 A paródia como técnica de escrita**

Como já se afirmou, Joanim Pepperoni literariza temas referentes ao universo cultural dos serranos. Para tal, faz uso de formas poéticas, narrativas e dramáticas, e investe pesado no recurso da paródia. No livro *A fantástica máquina de ensacar berros*



(2013), que ele subintitula de “Relatório de pesquisa”, saltam aos olhos as referências indiretas a textos amplamente conhecidos, como o “Hino nacional brasileiro”, “Cidadezinha qualquer”, “No meio do caminho”, “Pasárgada”. “José”, “Quadrilha”, “Canção do exílio” e as orações do “Pai nosso” e da “Ave Maria”.

No poema “Sobre a saudade”, o poeta apropria-se da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, para ironizar uma prática que, apesar de proibida por lei, ainda é comum em comunidades do interior da região:

Minha terra tem parreiras  
onde caço o sabiá  
que preparo com polenta  
e folhas de *pissacan*.

Não permita Deus que eu morra  
sem que eu volte para lá,  
sem que desfrute o ravióli  
que não encontro por cá,  
sem qu'inda aviste as parreiras  
onde caço o sabiá. (PEPPERONI, 2020, p. 25)

Enquanto Gonçalves Dias, na famosa “Canção do exílio”, expressa um profundo sentimento de saudade da terra natal, elogiando as suas belezas naturais, Pepperoni centra o enfoque na relação entre natureza e prática gastronômica. Preservando apenas a estrutura da primeira e da última estrofes do poema original, em uma delas, o poeta retira o sabiá das palmeiras e o coloca nas parreiras serranas, onde é caçado e preparado para ser servido com polenta e almeirão silvestre. Na outra estrofe, ele expressa o desejo de retornar à sua terra, para desfrutar o ravióli e rever as parreiras em que sempre caçou o sabiá. Assim, todo o sentimento romântico de contemplação da natureza presente no poema original é substituído pelo predatório ato de abater e comer o sabiá.

No segundo livro, *Viagem à roda do Rio Tegão* (2014)<sup>17</sup>, o autor apropria-se de textos da literatura portuguesa, como *Os lusíadas*, de Camões, e *O sentimento dum ocidental*, de Cesário Verde, e *Viagens na minha terra*, de Garret. Deste último Pepperoni, extrai a técnica do resumo no início do capítulo e modifica as motivações

---

<sup>17</sup> Tegão, como já se afirmou, é uma corruptela de Tega, um pequeno e poluído arroio do sistema fluvial de Caxias do Sul. É de se imaginar, então, uma gôndola comandada por Marco Polenta, tendo a bordo o autor, uma cozinheira do McNonas, o canhoneiro Milhoseppe Granibaldi e provisões para um ano de viagem...

da viagem. Enquanto Garret propõe “que viaje à roda do seu quarto quem está à beira dos Alpes, de inverno, em Turim, que é quase tão frio como S. Petersburgo – entenda-se” (GARRET, 1975, p. 9), Pepperoni sugere que “viaje à roda do seu quarto quem estiver proibido de sair de casa por causa da gripe suína ou por outra razão qualquer; viaje pelo mundo quem tiver o bocó recheado de fiorins<sup>18</sup> e não apreciar as belezas da sua terra natal.” (PEPPERONI, 2020, p. 72)

Em outra passagem do primeiro capítulo do romance, por exemplo, o narrador de Garret afirma que “era uma ideia vaga; mais desejo que tenção, que eu tinha há muito de ir conhecer as ricas várzeas desse Ribatejo, e saudar em seu alto cume a mais histórica e monumental das nossas vilas” (GARRET, 1975, p. 9); já Pepperoni assevera que “fazer este cruzeiro foi sempre uma ideia vaga, mais desejo, do que tenção de conhecer cada volta, cada tubo de esgoto, cada limo boiante, cada quintal de moinho, cada plantação de radicci, cada viveiro de perdizes, cada eito de milho verde.” (PEPPERONI, 2020, p. 72)

Estes breves exemplos dão uma amostra da dimensão dos diálogos intencionais do autor com outros textos clássicos. No livro *Rapa da panela* (2020), Pepperoni vai além e se apropria até da “Nota ao leitor”, assinada por Brás Cubas no romance de Machado de Assis, dando-lhe a seguinte redação:

#### **Notinha ao leitor**

Que Dante confessasse ter escrito a sua *Divina comida* para uma centena de leitores é algo que espanta e consterna. Mas o que não espanta nem consternará ninguém é se este opúsculo aqui não tiver os cem leitores de Dante, nem quarenta e oito, nem doze e, quando muito, sete. Talvez três ou nove?

Trata-se, na verdade, de uma opereta pouco prolixa, na qual, se adotei a forma de um Juó Bananere, ou de um Italo Balen, não sei se não lhe meti alguns plágios e outras irregularidades.

Mas eu nunca tive a pretensão de angariar simpatias do leitor. O livro está aí: se agradar, agradeço; se desagradar, desagradoço.

Um piparote nas orelhas e adeus! (PEPPERONI, 2020, p. 207)

É interessante observar, nessa “Notinha”, o processo de adaptação das referências literárias do romance machadiano ao universo da cultura da imigração italiana. Se naquele são mencionados Sthendal, Sterne e Xavier de Maistre, em Pepperoni, as alusões são ao poeta italiano Dante Alighieri (que dá nome à praça

<sup>18</sup> A palavra “fiorin” é uma variante de “florim”, moeda de ouro medieval florentina.

central de Caxias do Sul), ao poeta paulista Juó Bananere e ao poeta caxiense Italo João Balen (autor do livro *Os pesos e as medidas*, de 1980).

Talvez a faceta mais arrojada de Joanim Pepperoni sejam as adaptações de textos clássicos da literatura infanto-juvenil, ambientados na Terra da Cocanha e trazidos a público em 2020. São elas: *Chapeuzinho de palha*, *Nane Tamanca & os quarenta empreendedores* e *Joanim e a lamparina de querosene*. No primeiro livro, o enredo assemelha-se muito ao original dos irmãos Grimm e se passa na região central de Polentawood, especialmente no Mato Sartori e no Museu de Ambiência Casa de Pedra. Em vez do lobo mau, o autor insere no texto o Sanguanel, o renomado monstrengo da região de imigração italiana, conhecido por raptar crianças para lhes lamber os cabelos.

Quanto a *Nane Tamanca & os quarenta empreendedores*, também ambientado em Polentawood, Ali Babá é transformado em Nane Tamanca, e os ladrões, em empreendedores. O alvo do texto é o mito do empreendedorismo que habita o imaginário da imigração italiana, especialmente na área do comércio e da indústria. A adaptação de Pepperoni segue a mesma estrutura das versões mais conhecidas, mas tem um desfecho bastante inusitado.

Em *Joanim e a lamparina de querosene*, o espaço em que se desenrola o enredo é também Polentawood, mas o autor ambienta uma parte da narrativa no País dos Tolos (Schlaraffenland),<sup>19</sup> que se supõe ser a cidade vizinha de Nova Petrópolis, localizada no espaço histórico e cultural da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Nessa narrativa, parte da crítica do autor é direcionada ao enriquecimento suspeito dos empreendedores locais, que acontece, muitas vezes, num toque de magia. É o caso de Joanim Bottina, o Aladim da versão de Pepperoni, que, encontrando a lamparina de querosene, ascende rapidamente na escala social. Veja-se a opinião do narrador a respeito do atual paradeiro da lamparina:

De uma forma ou de outra, é certo que a mágica lamparina não foi destruída. Prova disso são os muitos milagres financeiros que acontecem na Terra da Cocanha. Quem não conhece algum pobre diabo, um Nane, que, da noite para o dia, apareceu de cabelo bem lambido, ostentando um lote com casa nova e um auto último modelo na garagem? Ora, ora... Tudo obra do monstrengo da lamparina de querosene! (PEPPERONI, 2020a, p.342)

---

<sup>19</sup> Schlaraffenland, ou País dos Tolos, é a versão medieval alemã da Terra da Cocanha. Ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha – As Várias Faces de Uma Utopia*. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 1988.

### 3 A sátira política

Ao lado da sátira cultural, Joanim Pepperoni também arremessa torpedos contra figuras políticas locais e nacionais. No livro *Nane Cainha & Nane Hábil* (2020), o autor poetiza acontecimentos políticos recentes de Polentawood, como a ascensão e a queda do prefeito Daniel Guerra e seu vice Ricardo Fabris<sup>20</sup>. No Canto V, o narrador afirma:

Neste rimance político  
com estro alexandrino  
inspirado por Bocca  
grande Deus da Polenta  
narro azares e triunfos  
há pouco sucedidos.

E se os personagens  
em muito são parecidos  
com figuras públicas  
amigos ou vizinhos  
é porque Arte imita às vezes  
o nosso próprio umbigo. (PEPPERONI, 2020, p. 185)

O rimance remete à poesia épica, mas, no caso de Pepperoni, não é o que se concretiza, já que o tom é satírico, e o poema está focado antes nos recentes azares pessoais dos heróis, do que nos seus triunfos de significado coletivo. Igualmente, do ponto de vista formal, embora o poeta anuncie versos de “estro alexandrino”, eles distribuem-se livremente em pentassílabos, hexassílabos e heptassílabos. A inspiração para narrar, por sua vez, é buscada em Bocca, o “grande deus da polenta”, consumando um trocadilho com Bacco, o deus grego do vinho.

O longo poema, pela sátira política, lembra o poemeto campestre intitulado *Antônio Chimango*, de Amaro Juvenal (Ramiro Barcelos), publicado em 1915 e dirigido a Júlio de Castilhos, então presidente da Província do Rio Grande do Sul. Enquanto a

---

<sup>20</sup> Nane Cainha e Nane Hábil são nomes fictícios que lembram os bíblicos irmãos Abel e Caim. No poema, são inimigos de morte. A certa altura, unem-se para chegar ao poder político. Depois de lograrem o intento, Cainha, “como amigo da onça / deu um bote no Vice / cortando-lhe as asas / quebrando-lhe o bico / – tudo de forma tal / que nunca mais o visse”. Além disso, Cainha (ou Cainho) e Hábil significam, respectivamente, muquirana e habilidoso. No contexto político real a que o poema se refere, Cainha foi responsável por uma série de cortes de investimentos, ao passo que Hábil figura como o seu oposto.

personagem de Amaro Juvenal é associada ao chimango, uma ave de rapina, Nane Cainha e Nane Hábil são comparados, por exemplo, ao chupim e ao galo garnizé:

Diz-que o Nane Cainha  
qual filhote de chupino  
foi chocado em ninh'alheio  
comeu quirera de milho  
*potchou* hóstia no vinho  
e fugiu de Panambino.

[...]

Depois versou-se meirinho  
e por chamado divino  
entrou na lida política  
pra fazer o pé-de-meia  
cacarejar na tribuna  
posar de garnizé *al primo*.<sup>21</sup> (PEPPERONI, 2020, p. 183)

[...]

Consta que Nane Hábil  
nosso herói cervantino  
fez seu próprio ninho  
chocou o próprio ovo  
abriu co'o bico a casca  
e nasceu emplumadinho. (PEPPERONI, 2020, p. 184)

A obra alude, também, às travessuras de *Max und Moritz* (1865), do escritor alemão Wilhelm Busch, para caracterizar o comportamento de Nane Cainha e Nane Hábil:

Enquanto as ratoeiras  
cumprem o seu viperino  
nosso hábil caçador  
desanda a vadiar  
e a procurar encrenca  
qual Max e Moritzino. (PEPPERONI, 2020, p. 189)

[...]

Acolá desata cercas  
defeca nos caminhos  
põe fogo no campo  
sabota as pinguelas

---

<sup>21</sup> “Garnizé *al primo*” é uma referência jocosa a um prato serrano chamado “galeto al primo canto”, ou seja, ao frango que é abatido e consumido no momento que atinge a idade de emitir o seu primeiro canto. No caso do poema, Nane Cainho é caracterizado não como um frango jovem, mas como um tipo de galináceo menor que as galinhas domésticas comuns: o galo garnizé. Essa leitura é possível, em vista de no poema Cainho ser também chamado de “Il Picollo” (O pequeno).

e enche de areia  
as tulhas do moinho. (PEPPERONI, 2020, p. 190)

Entretanto, em sua obra, o autor não direciona o olhar apenas para o universo social, político e cultural da região da Serra da Gaúcha. O ambiente político nacional também é satirizado, especialmente no livro intitulado *Rapa da panela* (2020), no qual o enfoque recai sobre a família Bolsonaro, ministros e seguidores do presidente. No poema “Cloroquina”, paródia de “Pneumotórax”, o efeito poético é inusitado:

Febre, diarreia, falta de ar e dores no corpo.  
A vida inteira que podia ser e que não será.  
Tosse, tosse, tosse.

Procurou um médico do SUS:

— Diga trinta e três.  
— Dezesete... Dezesete... Dezesete...  
— Respire.

.....  
— O senhor tem pontada no pulmão direito e a cognição comprometida.

— Então, doutor, não é possível tentar a cloroquina?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um berrante argentino.

(PEPPERONI, 2020, p. 241)

Como se sabe, mesmo sem comprovação científica, a cloroquina é um dos carros-chefe do governo federal no tratamento de pacientes com Covid-19, cujos sintomas mais comuns são febre, diarreia, falta de ar e dores no corpo. Como no poema de Manuel Bandeira, um suposto paciente com os sintomas mencionados procura um médico do Sistema Único de Saúde (SUS), o qual lhe pede que diga trinta e três, enquanto ausculta os seus pulmões. No entanto, seguidor fanático do presidente, o doente responde “dezesete”, que é o número da sigla partidária pela qual Bolsonaro se elegeu em 2018. O diagnóstico do exame revela pneumonia e cognição comprometida e, no lugar da cloroquina solicitada pelo paciente, o médico recomenda tocar um berrante argentino.

O poema em questão sintetiza de forma cômica o contexto da Covid-19 no Brasil, desde o negacionismo presidencial quanto à gravidade da doença, até o comportamento de boiada de parte da população brasileira. Por isso, a menção à cognição comprometida do paciente e a sugestão de que ele toque, não um tango, mas um berrante argentino.

Em outras composições do mesmo livro, são parodiados “O pulso” (“O bolso”), da banda Titãs, “Os sapos” (“Os patos”), de Manuel Bandeira, “Ismália” (“Biroliro”), de Alphonsus Guimarães, e “As meninas” (“As bambina”), de Cecília Meireles. Também cantigas populares, como “Pirulito” (“Biroliro”), “Samba-le-lê” (“Bolsolelê”), “Atirei o pau no gato” (“Canção do Adélio”), “O cravo brigou com a rosa” (“O Moro brigou com o Bozo”) e “A barata” (“Da Damares”), são utilizadas como base para a construção paródica. Veja-se o poema a seguir:

### **AS BAMBINA**

Claribela  
abria a janela.

Clorolina  
erguia a cortina.

E Maria Genaro  
olhava e rugia:  
“Fora, Bolsonaro!”

Claribela  
batia panela.

Clorolina  
batia bacia.

E Maria Genaro  
apenas rugia:  
“Fora, Bolsonaro!”

Pensaremos em cada bambina  
que vivia naquela janela;  
uma que se chamava Claribela,  
uma que se chamou Clorolina.

Mas a profunda saudade  
é Maria, Maria Genaro,  
que gritava com vontade:  
“Fora, Bolsonaro!” (PEPPERONI, 2020, p. 251)

Segundo Massaud Moises, a paródia “designa toda composição literária que imita, cômica ou satiricamente, o tema e/ou a forma de uma obra séria” (2004, p. 388). Com o intuito de ridicularizar situações diversas, a imitação atualiza o texto original e o joga em um novo contexto de significados. Para Vladimir Propp, “da paródia é preciso distinguir a utilização para objetivos satíricos de formas de obras comumente conhecidas, dirigida não contra os autores dessas obras, mas contra fenômenos de caráter sociopolítico” (1982, p. 87). No caso de Pepperoni, não se satirizam os autores

parodiados. Há uma imitação de formas e de temas de textos conhecidos, os quais ganham inusitados contornos culturais, sociais, históricos e políticos. O uso desse recurso aciona no leitor aquilo que Jauss (1994) chama de “conhecimento prévio” e pode atuar positivamente na recepção do texto literário.

#### 4 A crítica ao sistema literário da Serra Gaúcha

Joanim Pepperoni não se furta da reflexão crítica sobre o sistema literário serrano. Além da menção, em forma de trocadilhos, a nomes de escritores locais, o autor assume uma postura beligerante em favor da mudança comportamental dos personagens que atuam nesse sistema. Para tal, ele utiliza tanto os prefácios das suas obras, quanto um *blog* assinado por Joanim Farofa & Pepe Caruncho, conhecidos como “Os infames infantes da crítica literária”.

O primeiro aspecto que merece destaque nas alfinetadas do autor é o da busca compulsiva de alguns escritores pelo seu espaço no sistema, por meio de concursos literários e da publicação de textos sem a devida maturação. Em texto datado do dia 23 de março de 2018, os infames infantes disparam:

Vítimas da ansiedade do nosso tempo, [os escritores] escrevem como quem sofre de disenteria crônica. Expelem não um, mas dois, três, quatro livros por ano!

[...]

E não são obras essenciais. Geralmente, não são mais do que mais do mesmo... Mesmo!

[...]

Deus queira que um autor com disenteria crônica não contraia, simultaneamente, uma virose crônica: além da diarreia, teríamos a flatulência, o catarro, o suor noturno e o vômito. Intermitentes! Aí sim, o caos completo para os leitores e a morte certa para o escritor.

Haja olina e elixir paregórico! Haja soro e papel higiênico!

O que devia encher de júbilo o ego de um escritor é a qualidade e não a quantidade de obras publicadas. Lemos aqui numa orelha suja: “Fulano de Tal nasceu em 1980 e é autor de mais de trinta livros de contos, poesias e romances”. Oi? Mais de trinta obras sem apreciação, sem circulação, sem reconhecimento das instâncias superiores e inferiores da crítica literária. Mais de trinta livros natimortos, sem autópsia, desovados na garagem de casa ou enterrados clandestinamente num terreno baldio do sistema literário.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Disponível em: <https://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2018/03/os-gatos-sao-sabios.html>. Acesso em: 17 out. 2020.



Já em outro texto, do dia 25 de março de 2018, lê-se:

Nesta triste cidade, há escritores que lembram crianças quando recebem estrelinhas no caderno e as exibem aos coleguinhas como se fossem troféus.

Nada a opor aos infantes, em idade escolar, com suas constelações de estrelinhas.

Mas os infames!...

Os infames adultos, que se apresentam como escritores, mas agem como militares ou desportistas, colecionando troféus, medalhas, certificados, insígnias, condecorações, divisas, galardões, láureas e outros tantos penduricalhos – esses deveriam se enforcar com os cordões das medalhas!<sup>23</sup>

A publicação sem o aval das principais instâncias legitimadoras da literatura não é uma questão localizada e sobre ela não pode haver nenhum tipo de ingerência, sob pena de se cercear a expressão literária. No entanto, em tom satírico, Pepperoni chama a atenção para o fato de que uma carreira literária não depende da quantidade de obras publicadas, mas, sim, da sua qualidade. O resultado da publicação de textos imaturos, na sua opinião, seriam os “livros natimortos, sem autópsia, desovados na garagem de casa ou enterrados clandestinamente num terreno baldio do sistema literário”. A advertência do autor, certamente, pode surtir efeito positivo sobre os autores iniciantes e contribuir para dar outro rumo ao sistema literário local.

Em uma entrevista de Joanim Pepperoni aos infames infantes, datada de 17 de abril de 2018, o autor fala sobre um projeto de lei proposto na Câmara de Vereadores de Caxias do Sul, que regravava sobre a obrigatoriedade e disposição de prateleiras com obras de autores caxienses em livrarias e bibliotecas do município. Sempre ácido, o autor comenta os possíveis efeitos da lei sobre a literatura local:

[...] Imaginem uma prateleira só com autores locais em destaque numa livraria: a grande quantidade de títulos sem criatividade, as capas de um mau gosto comovente e o conteúdo duvidoso... Tenho para mim que os leitores passarão de fininho, como quem dá um flato e disfarçadamente muda de lugar.

INFAMES INFANTES: *Isso significa, então, que a lei será inócua?*

JOANIM PEPPERONI: Inócua para o que pretende legislar. Imaginem, *cari*, um supermercado com um gigantesco suprimento de linguças ser obrigado a criar uma prateleira específica para os produtos locais, sendo que todos os clientes já conhecem a qualidade duvidosa desses embutidos... O jeito certo de vender essas salamanda é distribuí-la de

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2018/03/sobre-estrelinhas-no-caderno.html>. Acesso em: 17 out. 2020.

forma sub-reptícia no meio dos salames bons. Por engano – e a vida é cheia de enganos –, por engano, alguém sempre levará salame de gato no lugar de linguiça de lebre (e pelo mesmo preço!). E isso qualquer comerciante sabe fazer. Não precisa de lei para incentivar.<sup>24</sup>

A opinião de Pepperoni é que não se legisla dessa forma sobre a circulação de livros, porque, colocada à vista dos leitores, a literatura local seria alvo de rejeição e de discriminação, e não de prestígio, como intenciona a lei proposta. Claro que, numa visão elitista e judicativa, o autor insere nesse rol apenas as obras com “títulos sem criatividade”, com “capas de um mau gosto comovente” e com “conteúdo duvidoso”, as quais poderiam ser venturosas, se imiscuídas entre “salames bons”.

No que diz respeito à crítica literária local, em 10 de julho de 2020, em uma disparatada entrevista concedida a si mesmo, o escritor comenta a recepção da sua obra:

JOANIM PEPPERONI: *Tenho observado um certo recato da crítica literária para com a minha obra. A minha Cocanha é menor, por exemplo, que a de autores como Dante Aligator, Francesco Bacon e Uiliz Shakespeare. Como eu explico esse terceiro lugar no pódio?*

JOANIM PEPPERONI: Olha, você não tem que se preocupar com a crítica literária numa terra em que pregos tortos e enferrujados valem mais do que os produtos do espírito. Mas, se você tivesse que explicar esse baixo desempenho na boca alheia, teria que considerar três aspectos fundamentais: escrever muito mal, ter mais inimigos do que amigos e escrever muito bem. No primeiro caso, a crítica jamais ergueria o pé para chutar um cachorro morto no acostamento; no segundo, as afinidades eletivas rendem mais atenções e elogios do que as não eletivas; e no terceiro, o excelente desempenho no manejo das palavras pode provocar a inveja que silencia ou a burrice que melindra. No seu caso, descarte o primeiro aspecto e considere, simultaneamente, os outros dois. Tenha em mente que você coleciona mais inimigos do que amigos. Os que se dizem ser amigos, são meros puxa-sacos que lhe enviam *emojis*, *gifs* e *emoticons* infantilizados. Já os inimigos, porque morrem de inveja da sua genialidade, evitam qualquer ataque, de modo a impedir que você ganhe espaço na primeira página dos tabloides, onde eles já figuram há séculos, em razão de laços sanguíneos e familiares. Ademais, meu espelhado amigo, confesse que você age como porco em plantação de mandioca alheia... Meu conselho é que você fuze, mesmo que não tenha uma atitude responsiva ativa da crítica literária atual. E não tome como arrogância o que vou lhe dizer: a sua obra é um legado para as gerações futuras. Por isso, não tenha medo de dar pancadas, já que é de pequenino que se entorta o pepino.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> Disponível em: <https://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2018/04/entrevista-com-joanim-pepperoni-sobre-o.html> Acesso em: 17 out. 2020.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://infamesinfantesdacriticaliteraria.blogspot.com/2020/07/joanim-pepperoni-entrevista-joanim.html> Acesso em: 17 out. 2020.

Como se vê nesse depoimento, a humildade não é uma característica do autor, que se considera um gênio (“o Joanim é um gênio” [2020, p. 240]) incompreendido pela crítica. Mas há que se considerar que, por utilizar um tom cômico, o depoimento de Pepperoni também pode ser tomado em sentido contrário, já que, conforme Vládimir Propp (1992, p. 125), “na ironia expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário”.

Ao avaliar o seu “baixo desempenho na boca alheia”, Pepperoni considera três situações: escrever mal, ter mais inimigos do que amigos e, paradoxalmente, escrever muito bem. Ao descartar a primeira delas por acreditar que a crítica não se ocuparia com textos de baixa qualidade estética, o autor junta as outras duas e delas extrai a ideia de que ter “afinidades eletivas” dentro de um sistema literário é bastante útil ao escritor. Mas, no seu caso, não haveria “uma atitude responsiva ativa da crítica literária atual” em razão de ter mais inimigos do que amigos – inimizades resultantes tanto da sua postura destrutiva (“você age como porco em plantação de mandioca alheia”), quanto da inveja provocada pelo fato de escrever muito bem. Anulada, portanto, a “atitude responsiva ativa” por parte da crítica literária, “numa terra em que pregos tortos e enferrujados valem mais do que os produtos do espírito”, o autor conclui que “a sua obra é um legado para as gerações futuras”.

Em entrevista ao jornalista e escritor Marcos Fernando Kirst, por ocasião do lançamento da sua *Obra reunida*, Pepperoni reforça a ideia de que a sua obra é um legado para o futuro, ao mesmo tempo em que vê com pessimismo o ambiente literário da Terra da Cocanha:

*“Obra Reunida” afirma oferecer ao leitor os livros de sua autoria lançados de 2013 (o primeiro) até 2023. Significa que não pretende lançar mais nada nos próximos três anos? Ou estás vivendo em um tempo paralelo?*

Li em algum lugar que os grandes autores produzem obras para o futuro. Por isso, inicialmente, pensei em colocar, por exemplo, 2020-2200, mas voltei atrás quando me dei conta que o coronga e a burrice podem exterminar, em breve, o que ainda resta da Humanidade.

*O que há de novo no ambiente literário/cultural da Terra da Cocanha?*

Além da minha “Obra Reunida”, há pouca coisa digna de tinta e papel na Terra da Cocanha. O mais do mesmo me entedia muito... A Feira do Livro está a cada ano mais incipiente. As editoras locais já afundaram ou perderam o norte. A crítica se ajoelhou à troca de elogios entre amigos. E a maioria dos escritores está presa a algumas

circunstâncias do nosso tempo, ou seja, enganchada em modismos temáticos.<sup>26</sup>

Olhando a questão sob o prisma da noção de campo literário proposta por Bourdieu (2000), fica claro que Joanim Pepperoni ocupa uma posição combativa no sistema literário serrano, analisando-o e criticando-o. Mesmo sob a máscara do pseudônimo e, nesse caso, não se dirigindo a escritores ou fatos específicos, a postura pode provocar o desafeto e o silêncio por parte dos escritores locais. Se as tais “afinidades eletivas”, a que se refere o poeta, realmente vigem no sistema literário e ele não as cultiva, é bastante provável que seja mal lido e mal visto. Para além disso, há sempre o risco de, indesejadamente, qualquer escritor da região da Serra Gaúcha ter o seu nome associado ao pseudônimo e ser apontado como o seu ortônimo.

### Considerações finais

O olhar sobre o conjunto da obra de Joanim Pepperoni possibilita afirmar que a sua contribuição para a literatura reside, especialmente, nos seguintes aspectos: 1) o resgate do mito medieval da Terra da Cocanha, ressignificando-o satiricamente com elementos do universo cultural da região de imigração italiana no Rio Grande do Sul; 2) a paródia de textos conhecidos do público leitor para criticar comportamentos e instituições tanto da região de imigração italiana, quanto da cena política nacional; 3) a postura combativa no sistema literário serrano, especialmente em relação à *performance* pública dos escritores e à qualidade da literatura aí produzida.

Entretanto, observa-se que ainda repousa certa indiferença sobre o bardo cocanhês nos meios literário e acadêmico da Serra Gaúcha, onde ele atua. Talvez, para o leitor desatento, as suas criações possam parecer exóticas ou superficiais. Mas, como se viu no presente artigo e segundo o depoimento do próprio autor, “há muita sutileza em cada palavra escolhida, em cada personagem, em cada fala e em cada poema”. Por isso, “poucos entendem o que rebato com as minhas obras.” [...] “Talvez minha produção seja esquecida, talvez seja vista como politicamente incorreta, talvez ganhe uma edição de luxo... Não sei mesmo” (CEI; PELINSER, 2020, p. 232).

### Referências

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.silvanatoazza.com.br/noticias/detalhe/joanim-pepperoni-reune-suas-obras-em-volume-unico> Acesso em: 18 out. 2020.

- BOURDIEU, P. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CEI, V.; PELINSER, A. T. A desautomatização da linguagem da Cocanha: entrevista satírica com Joanim Pepperoni, PhD. *Revista Di@logus*. 2017, Cruz Alta, v. 6, n. 2, p. 112-121.
- CEI, V.; PELINSER, A. T.; MALLOY, L.; DELMASCHIO, A. Joanim Pepperoni, PhD. In: CEI, V.; PELINSER, A. T.; MALLOY, L.; DELMASCHIO, A. *Notícia da atual literatura brasileira*. Entrevistas. Vitória: Cousa, 2020.
- FONSECA, C. *Juó Bananére: o abuso em blague*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- GARRET, A. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.
- JAUSS, H. R. *A literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- KIRST, M. F. Joanim Pepperoni reúne suas obras em volume único. *Silvana Toazza, Conteúdo com Credibilidade*, Caxias do Sul, 05 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.silvanatoazza.com.br/noticias/detalhe/joanim-pepperoni-reune-suas-obras-em-volume-unico>. Acesso em: 19 out. 2020.
- MENEGOTTO, R. R. “Qua comando mi!”: a estereotipação do colono italiano no universo de Radicci, do cartunista Iotti. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura), Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2017.
- MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- PEPPERONI, J. *Obra reunida (2013-2023)*. Polentawood/Joinville: Editora Prensa de Torresmos Cantina do Frei/Clube de Autores, 2020.
- PEROTTI, T. Nanetto Pipetta: modos de representação. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.
- PERTILE, K.; FILIPPON, K.; KUNZ, J. G.. Polentaço® de Monte Belo do Sul, RS – Pequena História de um Evento Gastronômico. *Revista Rosa dos Ventos*. 2013, n. 5, v. 4, Caxias do Sul, p. 644-654.
- PROPP, V. *Riso e comicidade*. São Paulo: Ática, 1992.
- RIBEIRO, C. P. Descrição do país da Cocanha, onde quem menos trabalha mais ganha. In: POZENATO, J. C. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

*Recebido em 30/10/2020*

*Aceito em 22/11/2020*

*Publicado em 20/12/2020*